# Quando a técnica extrapola seu valor moral - 24/04/2021

\_Gehlen mostra o caminho da técnica que, em direção ao inorgânico, perde seu  
valor moral\_[i]  
  
\*\*A técnica do inorgânico\*\*. A análise de Gehlen, seguindo as linhas de Kapp e  
McLuhan, parte da capacidade biológica humana de produzir instrumentos, da  
antropologia e do impacto da tecnologia na cultura. Para ele, o homem carece  
de órgãos e instintos especializados de adaptação ao ambiente e por isso deve  
transformar as condições naturais. Para agir, o ser humano se serve de  
princípios como a substituição e fortalecimento das capacidades biológicas por  
técnicas que são substitutivas, fortalecedoras e facilitadoras.  
  
A técnica, como a nossa capacidade de transformar a natureza, faz parte da  
essência do homem e é esperta e improvável, como se pode ver, por exemplo, com  
a invenção da roda e do fogo. Entretanto, como alavanca de nossa cultura, ela  
substitui o orgânico pelo inorgânico, tanto nos materiais, quanto na energia  
que substitui a força humana e animal. Isso porque, salienta Gehlen pelo texto  
de Cupani, o inorgânico é mais fácil de conhecer racionalmente e  
experimentalmente, características da ciência moderna e da cosmovisão  
pragmático-positivista impulsionada pelo modo de produção capitalista.  
  
\*\*Técnica sobrenatural\*\*. Gehlen também aborda a magia, tida como técnica  
sobrenatural, que foi usada durante milênios para imputar regularidade e  
estabilidade ao ambiente, seja intervindo na provocação de chuvas,  
fertilidade, entre outros. Dela se valiam as comunidades antes da ciência,  
funcionando como um autônomo animado, isto é, uma relação rítmica entre homem  
e cosmos, uma ressonância entre o homem e a natureza, o periodismo dos  
fenômenos no qual a ação humana se inseria e tentava intervir.  
  
Então, magia e técnica visam facilitar a ação humana e evoluem em uma lei  
progressiva que passa pelo estágio da ferramenta, depois da máquina que  
dispensa energia humana, até o autômato, com processos autorregulados.  
Todavia, neste caminho evolutivo que culmina nos tecnólogos modernos, o  
trabalho é instintivo, posto que, dada a não especialização, o homem deve  
aumentar o controle sobre a natureza como lei de sua existência. E segue.  
  
\*\*Cultura das máquinas\*\*. Tudo isso, aliado à produção capitalista e ao credo  
iluminista, leva à “cultura das máquinas” e a um intelectualismo, senão  
esoterismo, das ciências e das artes que fogem do naturalismo através de um  
experimentalismo sem metafisica. É uma experimentação incessante que se  
espalha pelas áreas chegando ao caráter transitório das produções artísticas,  
científicas e arquitetônicas e a indústria passa a viver a obsolescência das  
mercadorias. É o pensamento técnico e social moderno que se pauta em cinco  
“modos”: requerimento ou demanda total, efeitos preestabelecidos, mensuração  
padronizada, partes intercambiáveis e o princípio da concentração nos efeitos.  
  
\*\*Efeitos da tecnologia\*\*. O resultado disso é prejudicial à nossa dimensão  
emotiva e moral que é substituída pela abstração e pela dificuldade de  
compreender a complexidade técnica que nos afasta do ambiente natural. Mas a  
atitude iluminista, que gerou essa cultura industrial, estava baseada em  
ingredientes como a bondade natural, o caminho racional para ser feliz ou a  
universalidade moral, que já não são mais endossados. Até a Revolução  
Industrial, nosso contato com o mundo orgânico trazia dependência das forças  
naturais. A partir dela, priorizamos o inorgânico que não suscita um padrão  
moral fazendo com que, no auge do século XX, tivéssemos perdido o senso de  
realidade e não fôssemos mais responsáveis pelo que fazemos. Assim, na visão  
de Gehlen, a técnica ultrapassa a magia na subjugação do natural, mas  
extrapolando qualquer norma moral traz consequências negativas para nossa  
alma. Contudo, como bom conservador, o autor não aponta soluções, segundo  
Cupani.  
  
   
  
\* \* \*  
  
[i] Conforme Cupani, Alberto. \_Filosofia da tecnologia: um convite\_. 3. ed. -  
Florianópolis: Editora da UFSC, 2016. Capítulo 2: \_Estudos Clássicos: Arnold  
Gehlen\_.